

## CABELOS CRESPOS: FIOS QUE ENTRELAÇAM A IDENTIDADE NEGRA

Flavia dos Santos Mattoso <sup>1</sup>

Renan Gomes de Moura <sup>2</sup>

**Resumo:** O cabelo crespo, que por muito tempo foi marginalizado e ligado aos padrões de beleza europeus, tem se transformado em um símbolo de identidade e resistência para muitas mulheres negras. Para elas, usar o cabelo crespo natural vai além da aparência e toca em aspectos profundos de autoestima e relações interpessoais. Cuidar dos cabelos vai muito além de uma simples forma de resistência contra as injustiças do sistema. As mulheres negras, muitas vezes, enfrentam pressões sociais e padrões de beleza que as desvalorizam e marginalizam, principalmente quando se trata da textura e do estilo dos seus cabelos. Essas cobranças têm raízes em um legado de colonialismo e racismo, que ainda reforça a ideia de que só cabelos lisos e com aparência europeia são considerados bonitos e aceitáveis. No entanto, muitas mulheres negras estão desafiando essas expectativas, valorizando suas raízes e mostrando sua identidade através dos seus cabelos naturais. O propósito desse estudo é analisar como os cabelos crespos, enquanto símbolo de ancestralidade e identidade racial, se relacionam com as indagações acerca da resistência e da celebração da diversidade. Enquanto essas mulheres continuam a reivindicar seu espaço e sua voz na sociedade, seus cabelos representam não apenas um símbolo da identidade racial, mas também um elo com a ancestralidade.

**Palavras- chave:** Cabelo crespo. Identidade Negra. Ancestralidade.

## CURLY HAIR: THREADS THAT INTERTWINE BLACK IDENTITY

**Abstract:** Kinky hair, long marginalized and tied to European beauty standards, has become a symbol of identity and resistance for many Black women. For them, wearing their hair naturally kinky goes beyond appearance and touches on profound aspects of self-esteem and interpersonal relationships. Taking care of your hair goes far beyond a simple form of resistance against systemic injustices. Black women often face social pressures and beauty standards that devalue and marginalize them, especially when it comes to their hair texture and style. These demands are rooted in a legacy of colonialism and racism, which further reinforces the idea that only straight, European-looking hair is considered beautiful and acceptable. However, many Black women are defying these expectations, embracing their roots, and expressing their identity through their natural hair. The purpose of this study is to analyze how kinky hair, as a symbol of ancestry and

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutoranda em Humanidades, Cultura e Artes na Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Docência do Ensino Superior pela UCAM. Assistente I na Gerência de Educação Infantil – Coordenadoria de Educação Infantil e Primeira Infância na Secretaria Municipal de Educação do rio de Janeiro (SME), [flaviamattoso@rioeduca.net](mailto:flaviamattoso@rioeduca.net)

<sup>2</sup> Doutor em Administração (UNIGRANRIO). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Grande Rio, [renangmoura@gamil.com](mailto:renangmoura@gamil.com)

racial identity, relates to questions about resistance and the celebration of diversity. As these women continue to claim their space and voice in society, their hair represents not only a symbol of racial identity but also a link to ancestry.

**Keywords:** Curly hair. Black Identity. Ancestry.

## Introdução

No presente trabalho, propõe-se uma reflexão acerca da contribuição da identidade de mulheres que vivenciam e ressignificam as representações capilares pautadas na intensa relação com os paradigmas que giram em torno do cabelo crespo. Por carregar muitos significados, o cabelo crespo tem sido fundamental na compreensão do processo de construção de identidades das mulheres negras e em sua libertação dos padrões de beleza impostos pela sociedade, daí a importância desse estudo.

Segundo o MEC (2006), o Brasil é um país multicultural e com vasta diversidade racial que suscita, na política de igualdade racial, teorias e discursos ideológicos complexos. Sabemos que as marcas deixadas pelo processo de colonização, pelas teorias racistas do século XIX e pela falácia da democracia racial refletem claramente a dificuldade que muitos brasileiros possuem de identificarem-se positivamente (enquanto identidade negra) e relacionarem-se democraticamente dentro da sociedade brasileira.

Em seu artigo sobre o corpo negro e o cabelo crespo, Gomes (2003, p.171-172) busca explicar o processo de construção da identidade dos indivíduos afirmando que “Nenhuma identidade é construída no isolamento”. Segundo ela, a identidade negra é como “um movimento que não dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora”. Gomes (2008) comenta ainda que o cabelo crespo ultrapassa a esfera estética e é um tema extremamente importante quando nos reportamos a identidade e autoestima da mulher negra. E, para além da beleza, reforçamos que esse cabelo também foi e continua sendo uma ferramenta política de luta.

Durante muito tempo, uma infinidade de práticas favoreceu a desvalorização do negro e de suas características, principalmente seu cabelo, seus traços e sua cultura, enquanto havia uma hipervalorização da estética eurocêntrica. É possível compreendermos que os estigmas negativos recaídos sobre o cabelo crespo são frutos do processo de europeização no período colonial brasileiro, que legitimava o modelo ideal

de beleza como sendo o da mulher/homem branca/o e colocava negras/os e indígenas, e seus corpos, em um sistema de dominação que oprimia sua estética, tida como feia, fora dos padrões.

Contra essa estigmatização, Gomes afirma que:

Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (Gomes, 2008 p. 54).

Assim, o cabelo valida uma representação de poder identitário, estético e espiritual e o cenário do comércio de escravos no período escravocrata brasileiro diz muito sobre estes aspectos quando, por exemplo, era frequente entre os negociantes raspar o cabelo dos escravizados para fazer com que as mulheres e os homens parecessem ser mais jovens e evitar possíveis pragas. Para Braga (2015), esses argumentos higiênicos tinham por intuito promover nos negros uma ruptura com seu pertencimento étnico. Era uma forma de fazer com que os escravizados tivessem a sua identidade apagada ao chegar ao Novo Mundo, apresentando-se ao Brasil sem nenhuma das referências antes inscritas em seus cabelos.

Diante da questão histórica e cultural que atravessa as identidades da população negra, o Brasil, enquanto país multiétnico e pluricultural, precisa de organizações escolares em que todos os alunos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos; que os alunos possam se sentir incluídos ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, ideias e comportamentos que lhes são adversos, como os cabelos crespos.

## 1. Trajetória e História

Segundo Portal Gelédes (2015) desde a colonização, teorias racistas foram formuladas e propagadas e um dos seus pressupostos é a negação da beleza negra aos negros e negras. Nessa conjuntura, o cabelo foi – e continua sendo –, junto com a cor da pele, um dos principais sinais da negritude. Diante do cenário brasileiro, o cabelo da (o) negro (a) assume significados em uma esfera de embates – por um lado, suscita exclusão,

violência, inferioridade; por outro, significa o símbolo da identidade do povo negro por meio de lutas antirracistas de movimentos negros. Dessa forma, assim como a cor da pele, nariz, feições, o cabelo torna-se representação que é ressignificada alterando ou moldando a história que foi marcada por práticas e discursos discriminatórios para produzir discursos positivos aos corpos negros.

Tipicamente, o significado social dos cabelos foi sinônimo de riqueza para muitas pessoas ao longo da história, de maneira que os aspectos estéticos que os cabelos assumem, têm lugar de importância na vida cultural de muitas etnias, inclusive da negra e afro-brasileira. Gomes (2002), cita alguns costumes estéticos capilares africanos que fazem sentido para homens e mulheres: “Na África Ocidental os homens admiram mulheres de fios anelados e grossos. Na Nigéria, por exemplo, um cabelo despenteado significa depressão, sujeira. No Senegal as mulheres gostam de cabelos longos e lustrosos” (Gomes, 2002, p.411). A autora argumenta que a crença no poder espiritual do cabelo influencia na identidade afro-brasileira, pois identifica o poder do corpo, quer seja no sentido religioso, como no uso de turbantes, lenços ou tranças, quer seja no sentido de intimidade ou arte com o próprio corpo.

A autora acrescenta, ainda, que ao pensar na construção de identidade, os movimentos negros têm papel essencial nesta, haja vista que é através dele que várias conquistas em prol dos negros são alcançadas. Além disso, os movimentos negros permitiram a difusão de discussões sobre o que é ser negro em um país, onde o mito da democracia racial está impregnado na sociedade e colabora com a invisibilização do racismo.

O antropólogo Munanga (1988) discorre sobre o uso e sentidos de ser negro para a construção da identidade negra. A partir da década de 1980, o autor inicia uma jornada intelectual sobre a tentativa de compreender as influências pontuais acerca da construção da identidade negra no Brasil, visto que o tema é dinâmico, polêmico e envolve diferentes acepções.

Sem a escravização e a colonização dos povos negros da África, a negritude, essa realidade que tantos estudiosos abordam não chegando a um denominador comum, nem teria nascido. Interpretada ora como uma formação mitológica, ora como um movimento ideológico, seu conceito reúne diversas definições nas áreas cultural, biológica, psicológica, política e em outras. Esta multiplicidade de interpretações

está relacionada à evolução e à dinâmica da realidade colonial e do mundo grego no tempo e no espaço (Munanga, 1988, p.5).

Para hooks (2013, p. 52), somos uma nação de cidadãs e cidadãos que afirmam querer ver o fim do racismo, da discriminação racial. Está nítido, porém, que há uma lacuna fundamental entre teoria e prática. Não é de estranhar, portanto, que tem sido mais fácil para todos em nossa nação aceitar um discurso crítico escrito sobre racismo, que geralmente é lido apenas por aqueles que têm algum grau de privilégio educacional, do que criar caminhos construtivos para falar sobre a branquitude e o racismo e encontrar ações construtivas que vão além do discurso.

A diversidade de interpretações que surge ao longo de diferentes épocas e contextos na construção da “negritude” se manifesta também nas diversas maneiras de usar o cabelo afro.

## **2. Cabelo como símbolo da beleza e marcador da ancestralidade**

Como já dito, de acordo com o Portal Geledés (2018), o cabelo crespo tem sido, desde as sociedades africanas pré-coloniais até a contemporaneidade, um símbolo carregado de significados culturais profundos que transcendem a questão estética, refletindo valores sociais, políticos e espirituais. Entretanto, com a colonização e a imposição de padrões de beleza eurocêntricos, o cabelo afro sofreu estigmatização, sendo relegado a uma posição de inferioridade e marginalização. Mesmo assim, nas comunidades negras, o cabelo se manteve como um elemento de força e identidade, especialmente durante os períodos de luta e resistência contra o racismo.

A imposição de padrões estéticos centrados na Europa foi parte de um projeto colonial mais abrangente de controle cultural. O cabelo crespo, que nas culturas africanas era valorizado como um símbolo de status, ancestralidade e espiritualidade, foi desvalorizado, sendo considerado “inadequado” ou “inferior” sob a ótica colonial. Conforme apontado por Silva (2015), o cabelo crespo passou a ser estigmatizado como algo que precisaria ser “domado” ou transformado para se alinhar aos padrões europeus, que estabeleciam o cabelo liso como o ideal de beleza. Essa pressão por assimilação se manifestou em diversas práticas, incluindo o alisamento do cabelo, visto como uma necessidade para que indivíduos negros obtenham aceitabilidade social.

O referido autor, amplia suas considerações ao expor que ao longo dos séculos, essa desvalorização do cabelo afro refletiu as relações desiguais de poder entre brancos e negros, fortalecendo o racismo estrutural. No entanto, o cabelo afro também se tornou um poderoso símbolo de resistência. A ressignificação do cabelo crespo como símbolo de beleza e identidade emergiu a partir de um processo histórico contínuo, especialmente durante o século XX, quando movimentos políticos e culturais negros, como o *Black Power*, desafiaram diretamente os padrões estéticos hegemônicos e reivindicaram a beleza negra em todas as suas formas.

Percebemos que a pressão para se conformar aos padrões de beleza ainda persiste, especialmente, nas indústrias da moda e da mídia, que frequentemente privilegiam corpos e traços que se alinham com a estética branca. No entanto, a visibilidade crescente de mulheres negras que celebram seus cabelos naturais tem ajudado a desafiar essas normas e a expandir o conceito de beleza no Brasil e no mundo. Nos últimos anos, o cabelo afro foi amplamente reconhecido como um elemento importante na construção de uma identidade negra positiva, conectada a uma herança cultural rica e diversificada.

Ao deixar de lado as imposições coloniais e racistas que forçavam o alisamento, compreendemos que as mulheres e os homens negros que assumem seus cabelos naturais estão reivindicando seu lugar na sociedade como sujeitos plenos, que não precisam se adaptar a normas impostas para serem aceitos ou valorizados.

Para pesquisadora Anita Pequeno (2019), o cabelo afro, que historicamente foi marginalizado e estigmatizado, tornou-se um poderoso símbolo de beleza, resistência e autoafirmação. A estética do cabelo crespo não apenas desafiou os padrões de beleza eurocêtricos, mas também abriu espaço para que a diversidade fosse celebrada e reconhecida. Ao assumir seus cabelos naturais, homens e mulheres negras no Brasil e em todo o mundo estão resgatando sua história e reafirmando sua dignidade. Esse processo de valorização estética e política é um testemunho da força e resiliência das comunidades negras, que, apesar de séculos de opressão, continuam a reexistir e a se afirmar através de seus cabelos.

Em seu artigo sobre a História do Cabelo, Ayana Byrd e Lori Tharps (2001) evidenciam que o cabelo é considerado um dos elementos centrais das identidades de mulheres negras desde as antigas civilizações, possuindo significado espiritual, social,

cultural e estético. A antropóloga Ani Marimba (1997) argumenta que a espiritualidade representou e continua representando um papel primordial na cultura negra.

Segundo os autores citados acima, entende-se que tanto para homens e mulheres africanos quanto para seus descendentes da diáspora africana, o cabelo está intrinsecamente ligado à identidade cultural, à espiritualidade, à ancestralidade e às noções de beleza. Sobre isso, Gomes (2003) ressalta que “a força simbólica dos cabelos para os africanos continua de maneira recriada e ressignificada entre nós, seus descendentes”, destacando que essas técnicas de manipulação do cabelo se manifestam no nosso dia-a-dia e nos mais variados espaços.

É possível entender que enaltecer a beleza negra é reconhecer que ela rompe padrões impostos por séculos e redefine o que é belo, tornando o mundo mais diverso e verdadeiro. É celebrar a autenticidade de quem abraça suas raízes e transforma isso em um ato de amor-próprio. Cada sorriso, cada movimento e cada expressão de estilo é uma reafirmação de que a beleza não se limita a um padrão único, mas floresce na pluralidade.

Segundo Blog Espaço Feminismo Plurais (2024), no compreender africano, a ancestralidade atua como um legado moral ou espiritual onde o antepassado transmite sabedoria aos seus descendentes em diáspora. Mas não só; a ancestralidade se revela como fonte de vida, criatividade e pertencimento, evidenciando a importância da memória para se pensar o futuro.

Para Oliveira (2022), pensar a ancestralidade na contemporaneidade significa traçar a linha temporal dos valores que ao longo dos séculos nos alimentam. Nos interstícios do poder as práticas culturais negras resistem, apesar da sua invisibilidade no discurso oficial. Entender a força ancestral e reconhecê-la na vida comunitária significa resistir. Historicamente, o primeiro índice de concretude desse conhecimento se deu via religiosidade. De acordo com Oliveira (2007, p. 23):

A ancestralidade assume hoje em dia o status de princípio fundamental diante do qual se organizam tanto os rituais do candomblé, como as relações sociais de seus membros – ao menos nas obras de importantes intelectuais ligados organicamente às comunidades de terreiro. Supostamente fincada na tradição da África tradicional, a ancestralidade espalha-se, como categoria analítica, para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro – mormente na religião. Legitimada pela “força” da tradição, a ancestralidade é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando

sua “dinâmica” para qualquer grupo racial que queira assumir a identidade de “africano”.

Segundo a autora mencionada acima, a ancestralidade perpassa a religiosidade e adquire força à medida que ocupa o espaço social e de resistência negra.

Diante disso, entendemos que a influência africana está presente na religião, música, dança, alimentação e língua e que o discurso racista se fundamenta na recusa em reconhecer a humanidade das pessoas negras.

### **3. Cabelo crespo e racismo**

O racismo pode ser visto como uma ferramenta ideológica utilizada para justificar a dominação e exploração de diversos povos, como negros e indígenas, resultando em longos e brutais processos de exclusão e genocídio ao longo da história. A hierarquização racial desempenhou um papel central na exploração e pilhagem do continente africano, facilitando a colonização e a escravização no Brasil. Esse sistema de crenças, que defende a superioridade de certas raças sobre outras, continua a alimentar a exclusão social até os dias de hoje (Santos, 2002).

O cabelo afrodescendente certamente é a parte embaraçosa do perfil estético que compreende a identidade negra para quem procura negá-lo, embora a relação que cada um tem com seu cabelo seja muito particular.

De acordo com Munanga (1994), identidade é o processo de construção real de si com demais pessoas, presente em realidades distintas de quaisquer sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição identitária) e a definição dos outros (identidade atribuída e projetada) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (Munanga, 1994, p. 177-178).

Para Almeida (2019, p.65), “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional”. Compreender as suas bases de formação é uma arma fundamental para o seu combate.



Derivado da ideia de raça, o conceito de racismo se desenvolve a partir dessa base inicial.

“O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que tem como características físicas hereditárias comum, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência de raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural” (Munanga, 2003, p. 7-8).

O racismo é, muitas vezes, visto como um fenômeno periférico, marginal aos padrões essenciais de desenvolvimento da vida social e política e de alguma forma “localizado na superfície de outras coisas” (Gilroy, 1992, p. 52), como uma “camada de tinta”, que pode ser “removida” facilmente. Essa imagem da “camada de tinta” ilustra a fantasia predominante de que o racismo é “algo” nas estruturas das relações sociais, mas não um determinante dessas relações. De modo tendencioso, o racismo é visto apenas como uma “coisa” externa, uma “coisa” do passado, algo localizado nas margens e não no centro da política europeia.

É possível entender que muito do processo de conscientização em relação à questão da branquitude e do racismo está voltado a ensinar como o racismo é e como ele se manifesta no nosso dia a dia.

#### 4. Conclusão

Dejair Dionísio (2021) menciona que o cabelo afro, desde suas origens na África até sua ressignificação no Brasil contemporâneo, é muito mais do que uma questão estética. Ele representa uma luta contínua por reconhecimento, por espaço e por dignidade. Reforçamos que ao assumir seu cabelo, as pessoas negras não estão apenas reivindicando sua beleza, mas também sua história, suas memórias e suas raízes.

Os rituais de cuidados capilares são transmitidos de geração em geração, refletindo uma conexão com a ancestralidade e uma maneira de honrar as tradições passadas. Além disso, esses cuidados podem ser uma forma de resistência política,

desafiando ativamente as normas dominantes e reivindicando o espaço para a autodeterminação e a expressão individual.

A relação entre feminilidade e cabelo na comunidade negra é multifacetada, refletindo uma diversidade de experiências e perspectivas. Algumas mulheres optam por usar seus cabelos naturais em estilos como tranças, cachos ou afros, enquanto outras escolhem alisá-los ou usar perucas como uma forma de experimentação ou conveniência. Essas escolhas são pessoais e variadas, mas todas representam uma afirmação da identidade e uma rejeição das normas opressivas impostas pela sociedade.

É importante reconhecer que a jornada de aceitação e amor-próprio em relação aos cabelos naturais pode ser desafiadora para muitas mulheres negras, dada a prevalência de mensagens negativas sobre sua aparência. No entanto, à medida que o movimento de aceitação capilar cresce, mais mulheres negras estão encontrando apoio e solidariedade umas nas outras, fortalecendo sua autoestima e senso de comunidade.

## 5. Referências

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas** – São Carlos: Edufscar, 2015.

BYRD, Ayana D. e THARPS, Lori L. **História do cabelo: Desembaraçando as raízes do cabelo preto na América**. St. Martin's Press, Nova York. 2001.

DIONÍSIO, Dejair. **Dossiê - Relações étnico-raciais: branquitude e os efeitos de sentido**. v. 15 n. 37 . Publicado em: 28.07.2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/> Acesso em 05 de outubro de 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan/jun. 2003.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra** - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias escolares, corpo negro: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, nº 21, set-dez, 2002, p. 40-51. Disponível em: <http://www.redalyc.org/> Acessado em 08 de junho de 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução: Kenia Cardoso, São Paulo: Elefante, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Ed.Vozes, 2003.

PEQUENO, Anita. **História Sociopolítica do cabelo crespo**. Revista Z Cultural. Ano XIV – nº 01, 1º semestre de 2019. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrrj.br/> Acessado em: 08 de junho de 2024.

PLURAI, Espaço Feminismos. **Ancestralidade - Um direito de todos: o de saber sua história**. Blog. Publicado em 14 de novembro de 2024. Disponível em: <https://espacofeminismosplurais.org.br/ancestralidade/> acessado em: 02 de dez de 2024.

UNIÃO, Diário Oficial da. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. Brasília: MEC, 2004.